

Debates teóricos na imprensa libertária uruguaia no começo de 1917: revolução, evolução e anarquia

George Fellipe Zeidan Vilela Araújo

UFMG - FAFICH

Graduado em História e Mestrando em História e Culturas Políticas

geoaraujo@ymail.com

RESUMO: O escopo deste trabalho é analisar os debates teóricos travados no começo de 1917 no interior da imprensa libertária uruguaia, utilizando como fontes primárias dois periódicos que circulavam em Montevideu: *La Batalla* e *El Hombre*. Ocorridos antes da Revolução de Fevereiro na Rússia, esses debates giravam em torno dos conceitos de revolução, evolução e anarquia. Nossa intenção é demonstrar como a análise das fontes revela mesmo antes da Revolução de Fevereiro na Rússia que os debates sobre a revolução não eram marginais no anarquismo uruguaio nessa época específica, mas, ao contrário, constituíam o verdadeiro núcleo das discussões da *práxis* libertária por fazerem parte de seu horizonte de expectativa.

PALAVRAS-CHAVE: História da América Latina, História do Uruguai, História das Ideias Políticas e Sociais

ABSTRACT: The scope of this paper is to analyze the theoretical debates in early 1917 within the libertarian Uruguayan press, using two journals that circulated in Montevideo: *La Batalla* and *El Hombre*. Occurred before the February Revolution in Russia, these debates were about the concepts of revolution, evolution and anarchy. The intention is to demonstrate how the analysis of the sources reveals that even before the February Revolution in Russia the discussions about the revolution were not marginal in Uruguayan anarchism, but rather, constituted the very core of the libertarian *praxis's* discussions because they were part of their horizon of expectations.

KEYWORDS: History of Latin America, History of Uruguay, History of the Political and Social Ideas

Introdução

O ano de 1917 foi um marco importante para o anarquismo uruguaio, setor majoritário do movimento operário-social no país à época. Era nada menos que o terceiro ano de uma guerra que desde o princípio lhe gerava repúdio e indignação. Para muitos libertários, no entanto, a Grande Guerra era vista como uma oportunidade ideal para que os povos oprimidos ao redor do mundo se levantassem contra a sociedade existente. De fato, naquele contexto de *débâcle* econômica, guerra e destruição na Europa — o “centro da civilização ocidental” —, *revolução* tinha passado (ou voltado) a ser a palavra-chave. Havia uma sensação generalizada de crise da sociedade existente e dos valores burgueses, o que, somados ao recrudescimento das lutas dos

trabalhadores, fazia com que muitos realmente esperassem que a revolução viesse a ocorrer em um futuro bastante próximo.

Com efeito, se nos anos anteriores havia predominado nos periódicos libertários uruguaiaos *La Batalla* e *El Hombre* a prédica antibelicista, com críticas aos governos dos “países imperialistas” e lamentos pela morte de milhares de pessoas inocentes em prol dos interesses da burguesia mundial, iniciado o ano de 1917, houve uma significativa mudança na política editorial. Sem que tenha havido um abandono dessa prédica antibelicista, o tema da revolução não apenas começou a atrair mais e mais a atenção dos editores de ambos os periódicos, como passou a ocupar um papel de destaque nessas publicações.

Já em janeiro daquele ano, *La Batalla* publicou um extenso artigo intitulado *Anarquía y Revolución*, no qual reconhecia haver uma pluralidade de interpretações sobre o significado de revolução e anarquia, ao mesmo tempo em que defendia caber aos anarquistas a busca pelo fim da miséria e da exploração, bem como o estabelecimento de uma sociedade justa e livre. Essa sociedade só seria possível através de uma necessária revolução.¹

Decididamente, há no campo anarquista, vários conceitos sobre nosso título. Uns fazem da Revolução a santa destruidora das materialidades e moralidades velhas, e sublime criadora na terra dos gozos e felicidade do humano. Outros declaram com muita lentidão, como se medissem as palavras, que a revolução não é necessária, e mais ainda, afirmam que não se fará, e que a ação anarquista deve realizar-se exclusivamente no cérebro e no coração do homem. Ante a sonhadora declaração dos primeiros, exponho: que não apenas à Revolução devemos confiar o porvir do homem, mas que também é necessária a obra educadora, a obra de despertar da consciência individual e, portanto, a anulação dos preconceitos que atam o homem ao atual estado de coisas. [...] Cabe a nós, anarquistas, aos que se sublevam diante das injustiças e das misérias que vemos, aos que temos o sangue ardente de juventude e o pensamento são, livre de preconceitos e convencionalismos, cabe a nós [...] lutar contra a opressão do tirano, do monstro que estende suas garras arrebatando a vida das flores do jardim, para semear por toda parte a semente do bem e encaminhar pelas sendas da Luz, os homens que carregam junto conosco, o grande peso da injustiça social; realizar nossa ação anarquista no cérebro e no coração do homem, para arrancá-lo das garras do preconceito e da ignorância [...]. E logo, quando desperta já a consciência popular, quando o coração humano tenha retirado de si as amarras que o atam e impossibilitam que se manifeste livremente em todos os âmbitos da atividade humana, unidos pelo sublime e elevado laço de solidariedade, daremos o golpe de misericórdia ao atual estado de coisas, e não será por outro meio que pela Revolução.²

Apesar do reconhecimento da importância da educação para a transformação social, o anarquismo não deveria ser apenas uma atitude psicológica, uma mudança dos valores, da moral.

¹ Todos os textos traduzidos no artigo são de responsabilidade do autor. N.R.

² Cf.: *LA BATALLA*, Montevideu, n. 31, p. 2, jan. 1917.

Ao contrário, os anarquistas deveriam trabalhar pela revolução, já que esta levaria ao anarquismo, destruindo o estado de coisas então existente.

O arcabouço teórico de *La Batalla* era composto por uma pluralidade de autores libertários, dentre os quais havia uma predominância dos que possuíam afinidades com as correntes anarcocomunista, anarcocoletivista e anarcossindical. Um deles era o russo Mikail Bakunin, considerado um dos mais importantes representantes da tendência anarcocoletivista, e partidário da revolução que tudo destruiria e tudo criaria. O artigo de *La Batalla* sem dúvida mostra alguma influência de suas ideias. Nesta passagem de *A reação na Alemanha* (1842), Bakunin clamava àqueles desejosos de mudar o mundo que confiassem “[...] no eterno espírito que destrói e aniquila apenas porque é a inexplorada e eternamente criativa origem de toda a vida. A ânsia de destruir é também uma ânsia criativa”.³ A revolução seria transformadora tanto das condições materiais, quanto das ideias:

Haverá uma transformação qualitativa, uma nova maneira de viver, uma revelação que será como dádiva de vida, um novo paraíso e uma nova Terra, um mundo jovem e poderoso no qual todas as nossas atuais dissonâncias serão resolvidas, transformando-se num todo harmonioso.⁴

Certamente, também as palavras do anarcocomunista Errico Malatesta ressoam nesse artigo de *La Batalla*. Escrevendo para o periódico londrino *Freedom*, em novembro de 1914, o italiano criticava os anarquistas que manifestavam apoio a um dos lados no conflito bélico, perguntando se eles haviam se esquecido de seus princípios. Ao mesmo tempo, afirmava que existiam lutas justas, como a luta revolucionária pela emancipação humana.

Eu não sou um “pacifista”. Eu luto, como todos lutamos, pelo triunfo da paz e da fraternidade entre todos os seres humanos [...]. Além disso, eu penso que os oprimidos estão sempre em um estado de legítima defesa, e sempre possuem o direito de atacar os opressores. Eu admito, portanto, que existem guerras que são necessárias, guerras sagradas: e estas são guerras de libertação, como em geral são as “guerras civis” — i.e., revoluções.⁵

Outro importante autor que servia como referencial teórico para as análises de *La Batalla* sobre as realidades uruguaia e internacional era o príncipe russo Piotr Kropotkin, considerado um dos mais importantes anarcocomunistas. Além dessa filiação, ele professava uma

³ BAKUNIN, Mikhaïl [1842]. The reaction in Germany. In: DOLFF, Sam (Ed.). *Bakunin on Anarchy*. Nova York: Vintage Books, 1972, p. 57.

⁴ _____. Die Reaktion in Deutschland. In: BEER, Reiner (Ed.). *Bakunin: Philosophie der Tat*. Köln: Verlag Jakob Hegner, 1968, p. 66.

⁵ MALATESTA, Errico [1914]. Los anarquistas han olvidado sus principios. In: RICHARDS, Vernon (Comp.). *Malatesta: Pensamiento y acción revolucionarios*. Buenos Aires: Tupac Ediciones, 2007, p. 235.

vertente do evolucionismo social em voga na época, o que fará com que também embase as opiniões veiculadas por *El Hombre*. Ainda que tivesse ressalvas quanto à violência revolucionária, Kropotkin acreditava na necessidade da revolução para uma mudança efetivamente consequente da sociedade. Revolução que, aliás, seria inevitável.

Kropotkin [...] absorvera o revolucionismo multifacetado do seu tempo na própria estrutura do seu pensamento de tal forma que, para ele, a ideia de revolução como sendo um processo natural era inevitavelmente mais simpática do que a concepção bakuniana de revolução como apocalipse.⁶

De qualquer maneira, ainda que inevitável, era dever dos anarquistas agir em prol da revolução, apressando sua chegada. Quando ela finalmente acontecesse, caberia ao povo organizado estabelecer comunitariamente as bases da nova sociedade.

Quando esse dia chegar — e cabe a vocês [anarquistas] apressar a sua chegada —, quando toda uma região, quando grandes cidades com seus subúrbios tiverem se libertado dos homens que as governam, nossa tarefa está definida: é preciso fazer com que todos os equipamentos retornem às mãos da comunidade; que todos os recursos sociais, hoje em poder de indivíduos isolados, sejam devolvidos aos seus verdadeiros donos, ou seja, a todos, para que cada um possa desfrutar o seu quinhão no consumo, para que a produção de tudo que for necessário e útil possa continuar sem interrupções e para que a vida social, longe de sofrer uma interrupção, possa prosseguir com renovada energia.⁷

A afinidade dessas ideias com a argumentação contida no artigo de *La Batalla* é clara.

Em relação a esse último, houve uma reação do grupo vinculado ao periódico *El Hombre*. No seu 13º número, de 20 de janeiro de 1917, foi publicada uma resposta, intitulada *Orientaciones: El artificialismo en la Revolución*, na qual foi feita uma crítica aos “impacientes” que queriam forçar uma revolução através da violência.

Há camaradas impacientes, ainda que talvez bem-intencionados, que falam da revolução e da violência como o único modo transformador e evolutivo da sociedade, dando à força e à violência um papel preponderante sobre a inteligência, as ideias e os sentimentos do homem sociável. Tais camaradas, que pretendem utilizar os grandes males sociais como dinamismos da revolução, trazem ao florido campo das ideias novas, não o valor da concepção última, recém-chegada, mas sim o programa negativo dos dias da Internacional que fazia depender o problema da felicidade universal, não da liberdade de pensar e de agir, mas sim da facilidade de alimentar-se com o menor esforço. [...] Para os que assim veem a realidade, o problema vital do anarquismo não será nada mais que uma revolução, rápida, fulminante, decisiva. Uma revolução destruidora do que hoje é, em todas as suas fases de valor, ativas, determinadoras do mal e do bem. Uma revolução que mude radicalmente o meio social, para que uma

⁶ WOODCOCK, George. *Anarquismo: uma história das ideias e dos movimentos libertários*. Porto Alegre: L&PM, 2007, p. 209. v. 1.

⁷ KROPOTKIN, Piotr. L'Expropriation. In: *Le Revolté*, n. 21, p. 1-2, 25 nov. 1882. Disponível em: <http://dwardmac.pitzer.edu/Anarchist_Archives/journals/revolte/index.html>. Acesso em: 11 nov. 2011.

vez esse meio mudado por golpe audaz da força, os homens se transformem em bons, sensatos, pacíficos e racionais para sempre. Uma suposição semelhante é completamente equivocada, negativa nos efeitos aspiradores, contrária à ordem evolutiva, em discordância com a psicologia, não já das raças e dos povos, mas sim dos homens mesmos observados individualmente. [...] Muitos confundem revolução com anarquia; e essa confusão deve desvanecer-se quanto antes melhor, para bem das ideias mesmas. [...] A anarquia é o que se sobrepõe ao que já é: não necessita destruir para brilhar, basta-lhe construir acima dos valores velhos uma mentalidade nova, a mais alta como ideia, o melhor como arte. Anarquia significa não a mudança de meio político e econômico pela revolução simplista, mas também, e muito especialmente, a transformação dos valores psicológicos do homem: uma nova mentalidade consciente, com ritmo de evolução sobre a escala infinita da vida.⁸

Esse importante artigo estabelece já muitas diferenças de interpretação sobre os significados de revolução e anarquia em relação ao grupo de *La Batalla*. Para os editores de *El Hombre*, anarquia não significava apenas a satisfação das necessidades materiais, e a revolução política violenta não era o modo adequado de se transformar a sociedade. Isso assemelhava-se bastante às ideias do anarquista mutualista individualista francês Pierre-Joseph Proudhon, para quem a revolução social estaria comprometida caso fosse alcançada através de uma revolução política.⁹ *El Hombre* compartilhava da opinião de Proudhon, para quem

[...] um *coup-de-main*, aquilo que antigamente se chamava de revolução [...] na verdade não é mais do que um choque. [...] Creio que não precisamos disso para vencer e que, conseqüentemente, não deveríamos apresentar a ação revolucionária como meio de obter as transformações sociais, porque esse pretensão meio seria apenas um apelo à força, à arbitrariedade — em resumo, uma contradição.¹⁰

Ou seja, para os responsáveis por *El Hombre*, a revolução significava, primordialmente, um processo interno de aperfeiçoamento constante a ser trabalhado pelo indivíduo, isto é, uma evolução consciente, infinita. Antes de ser um fim a ser perseguido pela ação, era muito mais um meio para a mudança individual geral, que, por sua vez, seria responsável por uma transformação de toda a sociedade. Não seriam os males sociais os agentes que levariam à revolução, e por consequência, à anarquia, mas esta adviria do aperfeiçoamento moral e psicológico de cada indivíduo.

Aliás, entre muitos anarquistas de começos do século XX, se bem já não havia a crença na capacidade infinita da razão, perdurava a convicção forjada por alguns intelectuais europeus no século XVIII, e que foi predominante durante a maior parte do século XIX, de que o ser

⁸ *EL HOMBRE*, Montevideú, n. 13, p. 1, 20 jan. 1917.

⁹ WOODCOCK, George. *Anarquismo: uma história das ideias e dos movimentos libertários*, p. 130. v. 1.

¹⁰ PROUDHON, Pierre-Joseph. *Correspondance entre Karl Marx et Pierre-Joseph Proudhon, 17 de maio de 1846*. Disponível em: <http://fr.wikisource.org/wiki/Correspondance_entre_Karl_Marx_et_Pierre-Joseph_Proudhon>. Acesso em: 11 dez. 2011.

humano estava em contínuo aperfeiçoamento e que o progresso da ciência seria responsável pela evolução da humanidade em sua caminhada em direção a um futuro que seria melhor do que o presente. Ainda que o progresso de que falavam os anarquistas do século XIX não pretendesse alcançar uma maior eficiência ou aperfeiçoamento do funcionamento da sociedade existente, e sim a eliminação de várias instituições e procedimentos burocráticos que levasse a uma simplificação virtuosa da vida, não podemos deixar de notar que muitos libertários manifestavam uma fé quase absoluta na transformação dos indivíduos e da sociedade através do esclarecimento proporcionado pela educação e pelos avanços da ciência. Combinadas, elas teriam um efeito libertador, pois eliminariam os enganos propagados pelo obscurantismo religioso, os preconceitos e os erros frutos da ignorância, e a influência “nefasta” do modo de ser e viver burguês.¹¹

Duas edições depois, no 15º número de *El Hombre*, de fevereiro de 1917, no texto intitulado *Evolución y Revolución*, tentou-se desenvolver um pouco mais o raciocínio esboçado na edição anterior.

[...] [O]s problemas da anarquia não são problemas econômicos, mas sim psíquicos; e sendo psíquicos, são de evolução incessante. Logo, a fome não pode determinar a Anarquia. A dor é a consequência de um estado especial de sensibilidade. É de ordem psicológica, e pode ser que tenha uma grande importância como determinante nos meios que utiliza a anarquia para manifestar-se, mas não na concepção ideológica. Estabelecer uma diferença entre a anarquia e a revolução é necessário. Revolução é o modo de manifestar-se a anarquia em um momento dado. Sendo a anarquia uma ideia motora, pode se definir como *a energia consciente da evolução*. Logo, a revolução é um dos modos de manifestar-se essa energia em um momento e um meio dado, mas não o único modo. Portanto, anarquia não é revolução, mas sim, como dissemos, evolução consciente.¹²

Essas palavras foram, sem dúvida, dirigidas aos editores de *La Batalla* por, supostamente, considerarem que revolução e anarquia eram sinônimos. Para os editores de *El Hombre*, a anarquia seria um processo de evolução consciente, sendo a própria energia consciente dessa evolução. Por sua vez, a revolução seria apenas uma das maneiras que a anarquia tinha de manifestar-se em um momento específico. A mudança individual deveria ser não uma imposição externa, uma obrigação, mas uma evolução interna motivada pelo autoconvencimento.

Vários autores anarquistas debruçaram-se sobre o tema das relações entre evolução, revolução e anarquismo. Um dos mais importantes foi o conhecido geógrafo francês Élisée

¹¹ WOODCOCK, George. *Anarquismo: uma história das ideias e dos movimentos libertários*, p. 25-32. v. 1.

¹² *EL HOMBRE*, Montevideu, n. 15, p. 3, 3 fev. 1917.

Reclus, autor de *L'évolution, la révolution et l'idéal anarchique*. No livro, Reclus afirma que a evolução é um movimento infinito e constante, que independe da vontade dos homens: é uma lei natural, irreversível, irresistível e que atua sobre tudo aquilo que existe, das estrelas aos seres mais diminutos. As revoluções, além de não serem capazes de deter o movimento evolutivo, não diferiam desse mesmo movimento evolutivo, pois eram parte dele:

A evolução é o movimento infinito de tudo aquilo que existe, a transformação incessante do Universo e de todas as suas partes desde as origens eternas e durante o infinito das eras. As vias lácteas que surgem nos espaços sem limites, que se condensam e se dissolvem durante os milhões e bilhões de séculos, as estrelas, os astros que nascem, que se agregam e morrem, nosso turbilhão solar com seu astro central, seus planetas e suas luas, e, nos limites estreitos de nosso pequeno globo terráqueo, as montanhas que surgem e desaparecem de novo, os oceanos que se formam para em seguida secar, os rios que se vê formar nos vales, depois secar como o orvalho da manhã, as gerações das plantas, dos animais e dos homens que se sucedem, e nossos milhões de vidas imperceptíveis, do homem ao mosquito, tudo isto nada mais é senão um fenômeno da grande evolução, arrastando todas as coisas em seu turbilhão sem fim. Em comparação com esse fato primordial da evolução e da vida universal, o que são todos esses pequenos acontecimentos chamados revoluções, astronômicas, geológicas ou políticas? Vibrações quase imperceptíveis das aparências, poder-se-ia dizer. É por miríades e miríades que as revoluções se sucedem na evolução universal mas, por mínimas que sejam, fazem parte desse movimento infinito. Assim, a ciência não vê qualquer oposição entre essas duas palavras, — evolução e revolução, que se parecem tanto, mas que, no linguajar comum, são empregadas em um sentido completamente distinto de seu significado primeiro.¹³

Acreditamos que, pela semelhança de vocabulário e de argumentação utilizados pelos editores de *El Hombre*, essas concepções os tenham influenciado decisivamente, como poderemos observar mais adiante.

Outro importante autor a debruçar-se sobre as relações entre o ideal anarquista e os conceitos de evolução e revolução foi Kropotkin. Assim como Reclus, também era geógrafo, e “procurava diligentemente estabelecer ligações entre o anarquismo e a evolução”¹⁴. Observem-se estas passagens de *A ciência moderna e o anarquismo*, cujo texto original data de 1901:

E dado que o homem é parte da natureza, e uma vez que a vida de seu “espírito” — tanto pessoal quanto social — é um fenômeno da natureza tanto quanto o crescimento de uma flor ou a evolução da vida social entre as formigas e as abelhas, não há motivo para mudança súbita em nosso método de investigação quando passamos da flor ao homem, ou de um assentamento de castores a uma cidade humana. [...] O método indutivo-dedutivo provou seus méritos tão bem, naquilo que o século XIX o aplicou, que fez com que a ciência avançasse mais em cem anos do que tinha avançado nos duzentos anos

¹³ RECLUS, Elysée [1897]. *L'évolution, la révolution et l'idéal anarchique*. Paris: P.V. Stock, 1914, p. 1-3.

¹⁴ WOODCOCK, George. *Anarquismo: uma história das ideias e dos movimentos libertários*, p. 25. v. 1.

precedentes. E quando, na segunda metade desse século, esse método começou a ser aplicado para a investigação da sociedade humana, não se atingiu nenhum ponto onde descobriu-se necessário abandoná-lo e adotar de volta a escolástica medieval [...].¹⁵

Kropotkin defende aqui que a utilização de um método científico, que ajudou a comprovar a existência de uma força evolutiva na natureza, deveria ser empregado também para a análise do ser humano e das sociedades por ele criadas. O anarquismo seria adequado para essa análise, uma vez provido da necessária base científica.

O anarquismo é a tentativa de se aplicar, ao estudo das instituições humanas, as generalizações obtidas por meio do método natural-científico indutivo, e uma tentativa de prever os passos futuros da humanidade no caminho à liberdade, igualdade e fraternidade, tendo em vista a realização da maior soma de felicidade para cada unidade da sociedade humana.¹⁶

Isso se justificaria porque a essência da natureza e do homem era, para Kropotkin, a mesma, sendo o próprio homem parte da natureza; argumento também utilizado pelos editores de *El Hombre*.

Fosse na forma de lenta evolução ou de irrupção súbita, a insistência no tema da revolução nos permite afirmar que, por fazer parte do horizonte de expectativa¹⁷ dos anarquistas da época, ela era amplamente discutida entre os libertários uruguaiois. No número seguinte de *El Hombre*, em mais um “texto de orientação” com o título de *Revolución y Anarquía*, voltou-se a debater as relações entre os dois conceitos. No texto, o paralelo que havia sido traçado, relacionando natureza e homem agora, é estendido para relacionar os homens e os povos. Revolução e evolução se complementam, são parte tanto da história natural quanto da história humana.¹⁸

A semelhança com a argumentação contida na obra de Reclus é cristalina. Em mais um trecho dos escritos do geógrafo, podemos verificar o uso de uma analogia entre o “movimento geral da vida” e o “movimento geral da história”. A evolução intelectual seria uma consequência lógica do movimento de emancipação individual, precedendo a revolução que engendraria outra evolução e assim sucessivamente. A evolução — e, portanto, a revolução — seriam inevitáveis

¹⁵ KROPOTKIN, Piotr. *Modern science and Anarchism*. Londres: Freedom Press, 1912, p. 27-28.

¹⁶ KROPOTKIN, Piotr. *Modern science and Anarchism*, p. 43.

¹⁷ Estamos utilizando aqui o conceito cunhado por Reinhart Koselleck. Cf. KOSELLECK, Reinhart. Espaço de experiência e horizonte de expectativa: duas categorias históricas. In: *Futuro passado: Contribuição a uma semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora; Editora PUC-Rio, 2006.

¹⁸ *EL HOMBRE*, Montevideú, n. 16, p. 2, 10 fev. 1917.

por tratarem-se de leis naturais da espécie humana. Aliás, elas são fenômenos complementares. Reclus demonstrava confiança na realização da ideia, na “evolução revolucionária”.

Virá o dia no qual a Evolução e a Revolução, sucedendo-se imediatamente, do desejo ao fato, da ideia à realização, se confundirão em um único e mesmo fenômeno. É assim que funciona a vida de um organismo saudável, de um homem, de um mundo.¹⁹

Revolução e evolução seriam, portanto, apenas faces diferentes de um mesmo processo. A (r)evolução, antes de ser algo determinado por fatores externos, seria um passo saudável em direção a uma fase superior da existência. A evolução sofrida pelo organismo humano estender-se-ia ao organismo social, revolucionando-o.

É interessante determo-nos mais nesse ponto. Entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, as ciências humanas encontravam-se em uma grave crise teórica e de identidade. Enquanto as ciências naturais alcançavam progressos significativos respaldados por seu modelo científico, questionava-se a validade do conhecimento produzido pelas ciências humanas mais tradicionais (como a história), devido ao fato de, entre outras coisas, não disporem de um método de análise social objetivo. O progresso alcançado pelas ciências naturais havia influenciado os pensadores de várias áreas no interior das ciências humanas a utilizarem metodologias semelhantes ou a estabelecerem paralelos entre as ciências naturais e as humanidades.²⁰

Já vimos em Kropotkin a tentativa de aproximar anarquismo e evolução através da defesa da utilização do método científico das ciências naturais para análise dos problemas humanos, e em Reclus a aproximação entre evolução humana e evolução natural. Entre parte significativa dos pensadores anarquistas da época, foi popular ainda uma variação do darwinismo social — termo pelo qual ficou conhecido um conjunto de teorias sociais que surgiram na Inglaterra e nos Estados Unidos da América, a partir dos anos 1870, que buscava aplicar à sociologia e à política os princípios da seleção natural que o naturalista inglês Charles Darwin havia enunciado em *A Origem das Espécies* (1859) —, inspirada principalmente pelos escritos do filósofo, biólogo e sociólogo britânico Herbert Spencer (ainda que durante sua vida ele não tenha sido classificado como sendo um “darwinista social”).

¹⁹ RECLUS, Elysée [1897]. *L'évolution, la révolution et l'idéal anarchique*, p. 292.

²⁰ REIS, José Carlos. História da História (1950/60) – História e estruturalismo: Braudel X Lévi-Strauss. In: *História da Historiografia*, [Mariana], n. 1, ago. 2008.

Spencer desenvolveu uma concepção bastante abrangente da evolução — na qual as ideias de “luta pela sobrevivência” e “sobrevivência do mais apto” são cruciais — como sendo o desenvolvimento progressivo do mundo físico, dos organismos biológicos, das sociedades, da mente humana, da cultura. O desenvolvimento da sociedade comprovava, para ele, que a progressão evolutiva dava-se de uma homogeneidade simples e indiferenciada em direção a uma heterogeneidade complexa e diferenciada.²¹ Ressalte-se que muitos autores consideram que o pensamento de Spencer teria sofrido grande influência da noção cunhada por Jean-Baptiste de Lamarck, que defendia a possibilidade de um organismo transmitir a seus descendentes caracteres adquiridos durante a sua vida (ideia conhecida como teoria da herança de caracteres adquiridos) e da sociologia positivista de Auguste Comte.

As teorias deterministas não eram raras entre os anarquistas, pois muitos [...] aceitaram o determinismo científico dos evolucionistas do século XIX. Na verdade, a tendência anarquista para confiar na lei natural e o desejo de retornar a um modo de vida baseado em seus preceitos levam, por uma lógica paradoxal, a conclusões deterministas que obviamente entram em choque com a crença na liberdade de agir do indivíduo.²²

Isso não significa, contudo, que as teorias deterministas naturalistas ou mesmo o darwinismo social de Spencer tenham sido unanimidades entre os anarquistas. O próprio Kropotkin, por exemplo, que também foi influenciado pelas ideias de Darwin, contestava o darwinismo social de Spencer, valendo-se basicamente de seus próprios argumentos: a aplicação do método científico das ciências naturais nas humanidades e a analogia entre evolução natural e evolução social.

[...] [Q]uando [...] naturalistas de espírito vulgar, aparentemente baseando seus argumentos no "Darwinismo", começaram a ensinar, "Esmague todo aquele que for mais fraco que você; tal é a lei da natureza," foi fácil para nós provarmos pelo mesmo método científico que tal lei não existe: que a vida dos animais nos ensina algo inteiramente diferente, e que as conclusões dos filisteus eram absolutamente não-científicas. Elas eram tão não-científicas quanto, por exemplo, a asserção de que a desigualdade da riqueza é uma lei da natureza, ou que o capitalismo é a forma mais conveniente de vida social calculada para promover o progresso. Precisamente esse método científico-natural, aplicado aos fatos econômicos, nos permite provar que as assim chamadas “leis” da sociologia da classe média, incluindo também sua economia política, não são leis de forma alguma, mas simplesmente suposições, ou meras asserções que nunca foram verificadas. Além disso, toda investigação só dá frutos quando se tem um objetivo definido — quando ela é realizada com a finalidade de obter uma resposta a uma pergunta definida e claramente formulada. E é tão mais fecunda quanto mais claramente o observador vê a ligação que existe entre o seu

²¹ SPENCER, Herbert [1862]. *First Principles of Sociology*. Nova York: D. Appleton, 1888, p. 360.

²² WOODCOCK, George. *Anarquismo: uma história das ideias e dos movimentos libertários*, p. 75-77. v. 1.

problema e seu conceito geral do universo — o lugar que ocupa o primeiro no segundo. Quanto melhor ele compreenda a importância do problema no conceito geral, mais fácil será a resposta. A questão, pois, que o anarquismo coloca a si mesmo pode ser assim enunciada: "Quais formas de vida social que asseguram a uma determinada sociedade, e à humanidade em geral, a maior quantidade de felicidade, e, portanto, também de vitalidade?" "Quais as formas de vida social que permitem essa quantidade de felicidade crescer e se desenvolver, tanto quantitativa como qualitativamente, — isto é, tornar-se mais completa e mais variada?" (da qual, diga-se de passagem, uma definição de progresso é derivada). O anseio de promover a evolução nessa direção determina tanto a atividade científica, como a social e artística do Anarquista.²³

O que sim se pode afirmar é que o anarquismo uruguaio, à semelhança do anarquismo mundial, se viu obrigado a discutir essas questões que circulavam entre sua militância. O periódico *El Hombre* foi especialmente sensível às discussões envolvendo as relações entre evolução e revolução, ainda que, em linhas gerais, ele possa ser considerado como mais próximo à corrente anarco-individualista, pela grande incidência de textos que tratavam das relações entre indivíduo e sociedade, bem como de reproduções de autores anarquistas afeitos a essa corrente.

De qualquer maneira, a transformação social e individual realmente estava no horizonte de expectativa dos libertários uruguaio em 1917. Prova disso é que *La Batalla* voltou a insistir no tema da revolução já no número seguinte, lançado na 2ª quinzena de fevereiro. Além dos costumeiros ataques feitos à “inutilidade do Parlamento e dos políticos” na resolução dos problemas sociais, e as denúncias sobre o papel da religião e do Estado na preservação das hierarquias sociais, há no texto uma ideia que gostaríamos de chamar a atenção. Os editores de *La Batalla* se autointitulavam apóstolos dos conceitos de uma nova redenção a infiltrar-se na consciência dos homens, e que anunciava a “alvorada próxima do apocalipse social”²⁴. O vocabulário utilizado e o estilo épico não deixam dúvidas da sensação de iminência da eclosão da revolução.

Na mesma edição, o artigo *Sobre la interpretación de la anarquía*, tece críticas às concepções sobre o anarquismo de *El Hombre*, acusando o periódico de incorrer no grave erro de querer fazer do anarquismo “um valor puramente ético”²⁵. Para *La Batalla*, não apenas os valores éticos interferem na evolução mental dos indivíduos, também os fatores externos, os exemplos de luta transformadora. Buscar enriquecer o anarquismo apenas no campo das ideias era deixar intacto o estado de coisas então existente e contemporizar com a desigualdade e a exploração promovida

²³ KROPOTKIN, Piotr. *Modern science and Anarchism*, p. 28.

²⁴ LA BATALLA, Montevideu, n. 32, p. 1, fev. 1917.

²⁵ LA BATALLA, Montevideu, n. 32, p. 2, fev. 1917.

pelos opressores. Há ainda uma espécie de inversão do argumento de *El Hombre*: era a revolução que precedia e abria caminho para a evolução, e não o contrário.

A polêmica conceitual continuou no número seguinte de *El Hombre*. A réplica esteve calcada nas já analisadas concepções de Reclus sobre a essência humana e do universo serem a mesma, e de neles operarem forças antagônicas de conservação e mudança²⁶, e nas ideias de Kropotkin sobre as revoluções serem “saltos ou mutações inerentes ao processo evolutivo”²⁷. Mas, decididamente, os ecos mais particularmente fortes aqui são advindos da obra *Ideia geral sobre a Revolução no século XIX* (1851), de Proudhon.

[...] [Assim] como o instinto de reação é inerente a toda instituição social, o desejo de revolução é igualmente irresistível [...]. [Esses] dois termos, reação e revolução, correlativos um ao outro e engendrando-se reciprocamente, são, não obstante o conflito entre eles, essenciais à Humanidade [...]. [...] A Revolução é uma força à qual nenhum poder consegue vencer, seja ele divino ou humano; sua tendência é crescer em função da própria resistência que encontra.²⁸

De acordo com Woodcock, essa ideia de revolução está em consonância com a concepção anarquista que “vê a sociedade como parte do mundo da natureza, governada por forças determinantes que representam o domínio do destino, dentro de cujas fronteiras o homem deve trabalhar e alcançar a sua liberdade”²⁹.

O anarquismo pleiteado por *El Hombre* não queria ser simples *resultado* de determinações externas, mas desejava fazer com que o meio externo fosse *resultante* das ideias internas. Nesse sentido, o anarquismo seria progresso, evolução constante do espírito e não algo que desapareceria uma vez que tivessem sido resolvidas as penúrias materiais.³⁰ *El Hombre* voltou a tocar no tema das relações entre anarquia e revolução no nº 18, de 24 de fevereiro de 1917, no artigo *Revolucionarismo y culturalismo*:

Muitos camaradas supõem fundamentalmente que a revolução social, igualitária, niveladora, pode produzir-se em um momento dado. Vamos apresentar uma análise breve do ponto e veremos a quase certeza do finalismo negativo que essa crença informa. Primeiramente, devemos deixar de lado a possibilidade de uma revolução social universal e levar em conta a eficácia das revoluções parciais. Os que conhecem um pouco de psicologia sabem bem as diferenças de ordem mental existentes de indivíduo para indivíduo, que se acentuam cada vez mais, em relação com a progressiva cultura intelectual. Como diz Spencer, marchamos de uma

²⁶ *EL HOMBRE*, Montevideu, n. 17, p. 2, 17 fev. 1917.

²⁷ WOODCOCK, George. *Anarquismo: uma história das ideias e dos movimentos libertários*, p. 147. v. 1.

²⁸ PROUDHON, Pierre-Joseph. *Idée générale de la Révolution au dix-neuvième siècle*. Paris: Garnier frères, 1851, p. 4-5.

²⁹ WOODCOCK, George. *Anarquismo: uma história das ideias e dos movimentos libertários*, p. 146-147. v. 1.

³⁰ *EL HOMBRE*, Montevideu, n. 17, p. 2, 17 fev. 1917.

homogeneidade inconsciente em direção a uma heterogeneidade consciente. Daí que quanto mais o homem cultiva seu cérebro, mais diferença assinala sua mentalidade da de seus semelhantes. E, se como é evidente, há diferenças fundamentais nos povos — diferenças que representam etapas de sua evolução — difícil é, para não dizer impossível, que aqueles que estão ainda agindo em planos inferiores possam compreender a necessidade de uma mudança fundamental, de uma transformação radical de seu meio social, como aqueles outros povos que escalaram planos superiores, atuando dentro de meios de relativo progresso. Não supomos que apenas a revolução dos espíritos seja a conveniente. O pensamento busca sempre objetivar-se na obra, realizando-se, assim, a fusão necessária do pensamento e da ação. Mas, como não seja por ação reflexa, não concebemos a obra sem a ideia que a origine, e por isso é que aceleramos a ação cultural e preconizamos a atividade ora em revoluções silenciosas que se efetuam no espírito em tempos de evolução já nos estalos populares quando nos enfrentamos com a tirania. Na verdade, que revolucionarismo e culturalismo não podem nem devem conceber-se antagônicos, salvo quando esse revolucionarismo é filho da ignorância e responde a fins políticos, baseado na audácia e na conveniência de uns quantos ambiciosos de domínio.³¹

São Spencer e Proudhon quem mais uma vez deram o tom das posições de *El Hombre*. A teoria spenceriana da diferenciação cada vez maior dos organismos, provocada pela contínua evolução, é estendida para os povos do mundo, e juntamente com as ressalvas de Proudhon com respeito a um “revolucionarismo” ignorante, constituíram-se nas bases para que se afirmasse a inconveniência de uma revolução mundial sem nuances, baseada apenas em “fins políticos” e não em “elevados ideais”.

No mesmo número, o texto *Anarquía* afirmava que a grandeza do ideal anarquista residia na liberdade de interpretação, ao mesmo tempo em que ressaltava a noção de que a anarquia não se resumia a problemas materiais, mas envolvia também questões morais.³² Ao silêncio de *La Batalla* a essas palavras, seguiram-se dois artigos do primeiro número de *El Hombre* do mês de março daquele ano. No primeiro deles, sustentou-se haver um renascer do movimento anarquista e afirmou-se ser um grande enigma o que ocorreria quando finalmente terminasse a Grande Guerra.

Nota-se uma espécie de ressurgimento de forças libertárias, um despertar que começa, depois desse rude golpe, que pôs à prova os homens e não as ideias. O momento tem uma transcendência maior que a que lhe é dada. Está-se discutindo sobre muitas coisas que estão em jogo [...]. Provavelmente se equivocam os que esperam que, no fim desse massacre, tudo se acerte dentro do mesmo anormal regime social do presente. O final desta guerra é um enigma muito grande. A semente das ideias estava semeada, e essa semente não se pode perder. O adversário começou uma defesa desesperada, o clericalismo e o patriotismo lutam por conservar seu lugar, e o fazem com precipitação, como se algo muito importante os apressasse. Não é isso um bom

³¹ *EL HOMBRE*, Montevideú, n. 18, p. 2, 24 fev. 1917.

³² *EL HOMBRE*, Montevideú, n. 18, p. 2, 24 fev. 1917.

sintoma?... No caos tremendo, na grande confusão, quando seja como um dilúvio, o desborde do sangue humano no Planeta, então, na terra mais fecunda se fará aberto o gérmen e mais promissora se apresentará a colheita. Se fazem, os anarquistas, o que devem, isso bastará.³³

O autor parecia intuir que o momento vivido era ímpar, que a guerra mundial acabaria proximamente e que o mundo não seria ordenado sob o mesmo regime social de antes. Os anarquistas, que com tantos obstáculos haviam semeado a ideia, deveriam estar preparados para quando chegasse o momento de colher seus frutos.

No mesmo número, encontramos ainda o artigo *Vamos a ver*, um libelo contra os que afirmavam que *El Hombre* não era revolucionário. Nele, era concedido crédito aos que atuavam motivados por outras razões que não as de altruísmo desinteressado e superioridade espiritual, chegando-se a afirmar que, em alguns casos, as necessidades materiais poderiam ser melhor satisfeitas se cada um buscasse o que lhe fosse mais conveniente. Ainda que não o fosse por evolução moral, o importante seria agir em prol do ideal. Entretanto, utilizando mais uma vez os argumentos de que a motivação revolucionária resultante da evolução moral e biológica era superior àquela oriunda das determinações do meio, *El Hombre* reafirmava seu compromisso com a revolução e com o ideal anarquista. A revolução e o estabelecimento do anarquismo seriam inevitáveis, já que se tratava de um movimento que não poderia ser detido, uma “lei natural” da evolução humana e social. Mas esse anarquismo — fruto da evolução “sadia” e não de aleatórias contingências — deveria determinar a sociabilidade e não ser determinado por ela.³⁴ Aqui transparecem outras importantes influências do anarquismo individualista para as posições dos editores de *El Hombre*: o francês Émile Armand e o norte-americano Josiah Warren.

Figura polêmica no movimento anarquista, Armand “[...] conjugará o pensamento neomalthusiano de Paul Robin, o movimento eugenista de fins do século XIX e a prática de um emergente naturismo nudista, com a filosofia de Stirner”³⁵. Armand acreditava que não se deveria esperar até a chegada da revolução para que a pessoa empreendesse uma mudança radical em sua vida diária. Com efeito, ele via o individualismo como a

[...] superação da dimensão social, a partir da vontade individual, da dimensão vital de cada indivíduo que se autoafirma. Nesse aspecto, o “eu” aparecerá como um ponto de partida que permitirá criar qualquer coisa [...] [e] [...] desconstruir as doutrinas, desmontar os preconceitos, sucatear as ideias que entraram de maneira inconsciente

³³ *EL HOMBRE*, Montevideu, n. 19, p. 1, 3 mar. 1917.

³⁴ *EL HOMBRE*, nº 19, 3 de março de 1917.

³⁵ DIEZ, Xavier. *L'anarquisme individualista a Espanya (1923-1938)*. 2003. (Tese de doutorado). Universitat de Girona, Departament de Geografia, Història i Història de l'Art, p. 57.

nas mentalidades a partir do acatamento das ideias absolutas; Deus, o Estado, a moral, a religião...³⁶

Segundo Armand, o anarquista não poderia ser um mero reflexo do meio, mas deveria esforçar-se por manter e defender sua independência moral e intelectual das influências externas.

O anarquista deseja viver sua vida, o tanto quanto possível, moral, intelectual e economicamente independente do resto mundo, [...] sem a intenção de dominar ou explorar os outros, mas pronto a reagir por quaisquer meios àqueles que venham a intervir em sua vida ou a proibi-lo de expressar sua opinião através da pena ou da fala.³⁷

Ora, esse é justamente um dos pontos nos quais *El Hombre* vinha insistindo há tempos, isto é, a capacidade do indivíduo de proceder a uma transformação interna a despeito das determinações do meio externo.

A influência de Warren, por sua vez, pode ser percebida na passagem em que se afirma em que há algumas vezes em que as necessidades materiais poderiam ser melhor satisfeitas se cada um buscasse o que lhe fosse mais conveniente. Warren é conhecido por sua defesa do princípio da soberania individual, o qual sustenta que somente a própria pessoa possui direitos morais e naturais sobre o controle de seu corpo e de sua vida — ideia posteriormente retomada por John Stuart Mill e Herbert Spencer. O desenvolvimento de seu pensamento está intimamente relacionado ao fracasso da colônia Nova Harmonia, situada no Estado de Indiana, nos EUA. Idealizada nos moldes de uma espécie de socialismo cooperativista pelo empresário inglês Robert Owen, funcionou entre 1825 e 1829. Warren, que foi um dos primeiros participantes da comuna, associou o insucesso da colônia aos conflitos inerentes à “intrínseca lei natural da diversidade” e ao instinto de autopreservação. Em texto publicado em seu jornal, *Periodical letter on the principles and progress of the Equity movement*, afirmou:

Parecia que a diferença de opinião, gostos e fins aumentou na mesma proporção que as exigências à conformidade [...]. Parecia que era a intrínseca lei natural da diversidade que havia nos conquistado [...] nossos "interesses unidos" estavam diretamente em guerra com as individualidades das pessoas e das circunstâncias, e com o instinto de autopreservação.³⁸

Mas o fracasso de Nova Harmonia em conciliar interesses coletivos e independência individual não fez com que Warren abandonasse a ideia de que certa cooperação entre os

³⁶ DIEZ, Xavier. *L'anarquisme individualista a Europa (1923-1938)*, p. 59-61.

³⁷ ARMAND, Émile. *Petit Manuel Anarchiste Individualiste*. Paris: L'En dehors, 1911, p. 1.

³⁸ WARREN, Josiah *apud* BUTLER, Ann Caldwell. Josiah Warren and the Sovereignty of the Individual. *Journal of Libertarian Studies*, v. 4, n. 4, p. 438, (Fall, 1980). Disponível em: <http://mises.org/journals/jls/4_4/4_4_8.pdf>. Acesso em: 15 out. 2011.

indivíduos fosse necessária para a vida em comum. A diferença era que deveria ser a “sociedade” a adaptar-se aos indivíduos e não o contrário. Em seu *Manifesto* (1841), ele escreveu:

[...] [A] formação de sociedades ou quaisquer outras combinações artificiais é o primeiro, maior e mais fatal erro [...] cometido por legisladores e reformadores. [...] [T]odas essas combinações exigem a renúncia da *soberania natural* do INDIVÍDUO sobre sua pessoa, tempo, propriedade e responsabilidades, para o governo [...]. [...] [E]ste tende a prostrar o indivíduo — para reduzi-lo a uma mera peça de uma máquina, envolvendo outros na responsabilidade por seus atos, e sendo responsabilizado pelos atos e sentimentos de seus associados, vive e age, sem o controle adequado sobre seus próprios assuntos, sem certeza quanto aos resultados de suas ações, e quase sem ousar usar o cérebro por conta própria [...]. [...] [O que defendo] está baseado sobre um princípio exatamente oposto ao da combinação; este princípio pode ser chamado de Individualidade. Deixa cada um na posse imperturbada de sua natural e apropriada soberania sobre sua própria pessoa, tempo, propriedade e responsabilidades; e não se espera que ninguém adquira ou renuncie a qualquer "parte" de sua liberdade natural, juntando-se a uma sociedade qualquer, nem para se tornar de alguma forma responsável pelos atos ou sentimentos de ninguém a não ser de si mesmo, nem há qualquer acordo através do qual o conjunto possa exercer qualquer governo sobre a pessoa, a propriedade, tempo ou responsabilidade de um só indivíduo.³⁹

Para Warren, portanto, a vida em comum não poderia, de maneira alguma, subtrair os atributos “naturais” do indivíduo: a soberania irrevogável e intransferível de seu corpo, propriedade, tempo e responsabilidades.

Voltando à polêmica entre os diários libertários uruguaiois, os responsáveis por *El Hombre* acusaram os editores de *La Batalla*, de exclusivismo e revolucionarismo ocioso, que não considerava as questões psicológicas e baseava-se apenas nas contingências materiais. Apesar de ter sido publicado em março, portanto após a chamada Revolução de Fevereiro na Rússia (ocorrida, de acordo com o calendário gregoriano, entre 8 e 12 de março), o texto a seguir foi escrito no mês anterior.

Não confundamos *revolta* com *revolução*. [...] Revolução é a mudança do meio econômico-social, de uma transformação verificada pelos homens em cujos corações aninham-se sentimentos formosos e elevados de Amor e Justiça — liberados de valas e véus, que impeçam seu desenvolvimento e a irradiação da luz do cérebro — e sustentada por esses homens, não com o entusiasmo do arrastado ou do neófito, mas sim com a firmeza e a certeza do convencido. Revolução é o período álgido, o momento mais demonstrativo da atividade evolutiva. Logo, a Revolução não é uma simples expansão, não é o produto de uma rebeldia instintiva, mas sim a consequência das reflexões acerca do meio mais eficaz e digno de realizar a transformação do meio econômico atual, em outro que possa garantir ao homem o que hoje lhe custa milhares de fadigas e sofrimentos e nem ainda o consegue para sua própria satisfação. [...] E para terminar, repito com um pensamento cujo nome não me recordo neste

³⁹ WARREN, Josiah. [1841]. *Manifesto*. New Jersey: Oriole Press, 1952, p. 1-2.

momento: “A revolução há de suceder necessariamente à evolução, como o ato sucede à vontade”, parágrafo esse que vem robustecer minhas afirmações de integralismo, em face de todos os exclusivismos.⁴⁰

Em resumo, para os editores de *La Batalla*, revolta e revolução diferiam pelo fato de que apenas esta última era motivada por ideais elevados que conduziam à transformação e melhora das condições de vida existentes. Os problemas econômicos eram tão importantes para a anarquia quanto os problemas psíquicos, pois a realidade material não podia ser ignorada na gênese da ideia ou dos questionamentos que são colocados. O final do texto reservava-se uma ironia aos responsáveis por *El Hombre*. O autor cita uma frase da qual diz não se lembrar do autor, para reforçar sua posição e negar qualquer “exclusivismo”. O autor da frase citada é justamente Elysée Reclus⁴¹, um dos grandes referenciais teóricos do grupo opositor.

A análise dessas fontes demonstra que os debates sobre a revolução não eram marginais no anarquismo uruguaio nessa época específica. Ao contrário, constituíam o verdadeiro núcleo das discussões da *práxis* libertária por fazerem parte de seu horizonte de expectativa. O advento da Revolução de Fevereiro fez com que as polêmicas se intensificassem cada vez mais e mudassem de perspectiva, já que a realidade tinha passado a interferir agudamente nas discussões teóricas: a tão discutida revolução parecia finalmente ter-se iniciado.

Recebido: 15/05/2012
Aprovado: 20/07/2012

⁴⁰ LA BATALLA, Montevideú, n. 33, p. 2, mar. 1917.

⁴¹ RECLUS, Elysée [1897]. *L'évolution, la révolution et l'idéal anarchique*, p. 15.